

# **Percorrendo as trilhas etnográficas de Zora Hurston e Ana Mumbuca<sup>1</sup>**

Thaynara Kelly dos Santos Pereira (UFPE)<sup>2</sup>

## **Resumo:**

O texto propõe-se a explorar os percursos etnográficos de duas antropólogas em diferentes períodos históricos e culturais, destacando suas principais contribuições e transformações sobre o fazer etnográfico. O trabalho tem como foco principal analisar como Zora Neale Hurston e Ana Claudia Matos da Silva (Ana Mumbuca) desenvolveram suas metodologias de pesquisa etnográfica, adaptando-se às suas experiências e aos contextos em que trabalharam. Apesar de todas as barreiras enfrentadas por ambas, elas foram de encontro com o que até então era visto como a única forma de "fazer etnográfico", o desenvolvido por Malinowski. Utilizando uma abordagem comparativa, busco examinar as práticas etnográficas dessas duas antropólogas, analisando em suas obras as suas principais técnicas de pesquisa e enfoques teóricos. Destaca-se a singularidade de cada abordagem, evidenciando as diferentes perspectivas e influências que moldaram suas trajetórias. De modo geral, esse trabalho busca ressaltar a importância de compreender os percursos individuais de cada antropólogo para apreciar a diversidade da pesquisa etnográfica, onde cada uma desenvolveu sua própria abordagem metodológica, adaptando-se às experiências e aos desafios do campo, e assim deixando um legado mais plural na construção no fazer etnográfico.

**Palavras-chave:** etnografia; experiências, campo.

## **Introdução**

Ao iniciar uma pesquisa etnográfica, os antropólogos precisam estar preparados para adentrar o campo escolhido, tal preparação é resultado dos estudos teóricos que podem guiar o pesquisador(a) em campo, como também ter acesso a um bom procedimento metodológico, que pode auxiliar no processo de coleta e análise dos dados posteriormente. Contudo, cada um(a) acaba desenvolvendo e adaptando suas metodologias de acordo com as experiências vivenciadas durante a realização desse campo por essas pesquisadoras. Desse modo, pretendo aqui descrever brevemente sobre

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco.

os percursos realizados por essas antropólogas para a construção dos seus relatos de campo e das suas experiências etnográficas, além de identificar como cada uma dessas pessoas lidou e utilizou a etnografia como instrumento que ultrapassava o seu lado puramente metodológico.

Nesse texto, decidi me deter a princípio nas contribuições de duas antropólogas, que estão localizadas em diferentes períodos temporais e com percursos etnográficos distintos que nos trouxeram muitas abordagens, vivências e conceitos que foram centrais na construção dos seus relatos de campo e que nos auxiliam até os dias de hoje a pensar a etnografia. Além disso, levantarei alguns pontos da obra de Malinowski, com o intuito de mostrar as principais diferenças entre eles e suas experiências no campo. A primeira antropóloga na qual me deterei, é a estadunidense Zora Neale Hurston, uma antropóloga negra que foi uma das orientanda do renomado Franz Boas e essa tem como seu objeto de pesquisa a cultura relacionada ao folclore do povo negro, tendo como uma de suas obras mais difundidas o livro *Tell my Horse: Voodoo and life in Haiti and Jamaica*.

O segundo antropólogo, e provavelmente o nome de destaque quando o assunto é a pesquisa etnográfica, e que é considerado o “pai” da criação do trabalho de campo como é conhecido hoje, é o polonês Bronislaw Malinowski. O autor traz em sua obra mais conhecida, o clássico *Argonautas do Pacífico Ocidental*, uma característica que imprime na sua pesquisa um estilo de escrita muito científico, com o intuito de “dar sentido” às ações e as coisas. Sua obra ainda nos dias de hoje é vista como revolucionária para a Antropologia, apesar de atualmente, tendo acesso aos diários de campo do próprio Malinowski, ficou explícito que apesar do estabelecimento de regras, a experiência em campo acaba impactando também aquele pesquisador. Por fim, trago a quilombola e antropóloga Ana Claudia Matos da Silva, ou como ela prefere ser chamada, Ana Mumbuca. A autora da tese *Uma escrita contra colonialista do quilombo Mumbuca Jalapão- TO*, que traz em sua obra uma perspectiva de composição, a busca por uma antropologia contra-colonialista, mostrando como os povos quilombola são detentores de suas próprias vozes e vivências, e desse modo, são totalmente capazes de falarem sobre suas experiências, além de transformá-las em instrumentos de defesa para seu povo.

## O retorno para casa de Zora Hurston

Como já foi dito anteriormente, Zora Hurston, antropóloga negra, tem como um dos aspectos mais singulares em sua obra e no seu percurso como antropóloga, em minha perspectiva, o foco dos seus estudos voltados para as suas origens. Os escritos de Zora Hurston estavam entrelaçados no seu olhar enquanto mulher negra e pesquisadora, além de outro marcador muito importante para o contexto em que ela vivia: um Estados Unidos marcado pelo racismo e pela segregação, o que poderia impactar diretamente em suas pesquisas por ser uma mulher negra desbravando os EUA em busca dos dados para sua pesquisa. A antropóloga, que precisou de um esforço redobrado para conseguir entrar em uma Universidade dentro desse contexto de segregação, teve a necessidade de ter alguém que a pudesse apadrinhar – pessoa que financiaria as suas pesquisas – para que assim, atrelado ao seu trabalho de garçonne fora da universidade, ela conseguisse se manter e assim desenvolver o seu projeto dentro da academia.

Com a primeira experiência adquiriu capital cultural e encorajamento em deslocamentos futuros. Na procura pelos fragmentos das tradições e do ‘folclore’ de negros americanos fazia viagens ousadas, como disse Basques (2019, p. 319) “viajava em um Chevrolet e levou em sua bagagem duas câmeras, para o registro de fotografias e vídeos, e uma pistola”, essa preocupação é compreensível se considerarmos o contexto político e racial do segregacionismo do período. A autora confessou que havia corrido perigo de morte em uma situação na estrada (Corrêa, 2021, p. 27).

É a partir desse momento que Zora e Boas iniciam sua relação de orientanda e orientador; é fundamental ressaltar o fato de que a orientação de Boas acaba influenciando Hurston em sua escrita e além de conduzi-la pela ideia de que ela passasse a estudar sobre o folclore, que a princípio não era um interesse da antropóloga. É através da influência de seu orientador, que recomenda que ela busque estudar espaços em que ser negra a concederia uma maior facilidade para se inserir, diferentemente de pessoas brancas. Foi nesse momento, na minha visão, que Hurston traz uma das características mais interessantes e transgressoras da sua obra, que é a sua ruptura com o olhar etnocêntrico dos estudiosos brancos a respeito dos fatos folclóricos produzidos pela comunidade negra.

Diferentemente da maioria dos pesquisadores da época, Zora não vai estudar o “*outro*”, mas pelo contrário, é no seu retorno para casa que ela desenvolve sua pesquisa.

Em seus relatos etnográficos, o que marca a escrita da autora é a sua sensibilidade ao pensar a subjetividade daquele povo, pois ao retomar para casa, essa já tinha um novo olhar sobre aqueles que estavam lá. Portanto, durante seu campo e sua pesquisa etnográfica a autora busca um novo olhar sobre o folclore, o positivando. Além do fato que ela tensiona a ideia de “*nós*” e dos “*outros*”, e que esses “*outros*” não precisam de um antropólogo para serem considerados pessoas.

Mas, para o bem-estar nacional, é urgente perceber que as minorias pensam, e pensam em algo além do problema racial. Que elas são muito humanas e, internamente, de acordo com o dom natural, são exatamente como todos os outros. Enquanto isso não for compreendido, deve permanecer aquele sentimento de diferença intransponível, e a diferença para o homem comum significa algo ruim. Se as pessoas fossem bem feitas, elas seriam exatamente como ele (Hurston, 2019 [1950]).

Sendo assim, Zora Hurston imprime em sua obra a sua grande capacidade de compressão, atrelada a toda sua capacidade de desmistificar o olhar preconceituoso em relação ao que era produzido sobre o povo negro e como isso a fez colocar-se também em perspectiva, já que a mesma cresceu e viveu naqueles espaços, a possibilitando ter uma visão mais profunda e menos carregada de preconceitos.

Quando desembarquei em Jacksonville, não era mais a mesma. Parecia que eu tinha sofrido uma mudança marítima. Eu não era mais a Zora do Condado de Orange, eu era, agora, uma pequena garota de cor. Descobri isso de algumas maneiras. No meu coração e também no espelho, me tornei correr negra-garantida para não sair nem (Hurston, 1928, s/p).

### **A observação participante de Malinowski**

Bronislaw Malinowski é um dos grandes nomes da Antropologia, sendo ele um dos pais fundadores da etnografia moderna. Diretamente do que é visto na Zora Hurston, Malinowski tem seu foco de pesquisa voltado para o outro, sendo esse outro, o povo Trobriandes, localizados nas Ilhas Trobriand em Nova Guiné. O antropólogo diferente do que era comum a sua época, utilizava a observação participante como sua principal ferramenta etnográfica, desse modo, ao invés de estudar esse povo por meio de correspondentes, Malinowski decide realizar uma imersão total no campo. Uma das passagens mais interessantes de suas obras é quando o autor narra a sua chegada à ilha, deixando com a gente a ideia de isolamento do pesquisador da “civilização” para a realização da sua etnografia. (MALINOWSKI, 1978). O antropólogo, tem como principal intuito ao estudar o povo *Trobriand*, dar um sentido científico ao evento

chamado *Kula*, que era realizado entre os habitantes das Ilhas, que se caracterizava, a grosso modo, por basicamente em um tipo de troca entre eles.

Uma das características que mais me chama a atenção na obra do Malinowski é o seu não posicionamento no campo, ignorando as influências do seu local como homem branco poderia levar para àquele povo, como também os impactos que tal povo poderia exercer sobre ele. Para o polonês, os Trobriands não tinha a capacidade de ter categorias narrativas, ou seja, eles não eram capazes de pensar eles mesmo e criar as suas próprias categorias. Sua principal abordagem metodológica estava interessada em atribuir um caráter científico aos rituais realizados pelos Trobriand. A etnografia científica era composta pela soma da descrição dos relatos dos nativos com uma análise rigorosa e científica, pois para ele, apenas o etnógrafo era capaz de entender o todo.

Durante seu percurso metodológico, o autor vai tomar os trobriandeses como sendo apenas fontes de pesquisa, e não levando em conta que esses também podem ser agentes de trocas sociais e grandes colaboradores para o desenvolvimento da sua pesquisa. Outros fatores que marcaram os relatos etnográficos do Malinowski são seus diários de campo, que tornou-se um importante aliado das antropólogas até os dias de hoje; nesse diário, o autor escrevia sobre as experiências vividas e como ele se sentia como pesquisador naqueles encontros. Portanto, mesmo com vários problemas, o desenvolvimento da observação participante – onde o pesquisador passa a vivenciar o campo e as atividades cotidianas desses povos, com o objetivo de fazer uma análise sistemática e detalhada sobre o que experiência - somado a imersão e ao auxílio do diários de campo, fizeram com que a etnografia se transformasse em algo mais científico e legítimo.

### **A composição de peças de Ana Mumbuca**

Diferentemente da perspectiva do antropólogo Malinowski e da sua ideia de que apenas um etnógrafo pode entender o todo, a antropóloga e quilombola Ana Cláudia Matos da Silva, ou como é chamada frequentemente, Ana Mumbuca, vai trazer em sua dissertação a ideia de que cada um de nós podemos e temos a plena capacidade de construirmos nossas próprias narrativas. Durante seu percurso etnográfico, a autora escreve uma definição sobre o que é Antropologia, que foi uma das definições mais

sensíveis e precisas que já tive contato. Para Ana Mumbuca, a Antropologia é um entrelaçamento das percepções de mundo, o que faz todo sentido durante a construção e o desenvolvimento da sua etnografia.

A minha trajetória, assim como a dos demais componentes do grupo de pesquisa, é trançada pela vivência individual e grupal, com trançamentos do passado, 22 presente e futuro de homens e mulheres quilombolas, sejam os que viveram, os que vivem e os que virão. O que se espera de uma narrativa de uma mulher quilombista jalapoeira? Não tenho nenhum propósito de fazer uma narrativa, “floreada”, “embelezada”, “penosa” ou “heroica”. Por isso, seleciono apenas partes das minhas vivências contra-coloniais capaz de gerar, inspirações, questionamentos, reflexões e críticas, nisso escrevo primeiramente para os meus pares. (Silva, 2020, p. 21).

A autora enfatiza em sua obra a necessidade da existência da diversidade. Para Ana Mumbuca, é na diversidade que haverá a composição das peças necessárias para abranger toda a magnitude e multiplicidade de características de um povo. Ademais, ela também traz à tona seu local bem demarcado; se mostra como parte daquele povo e como isso não pode impedi-la de falar sobre eles. Outro fator central para o desenvolvimento da sua etnografia é o Movimento Contra-colonialista, esse tem como objetivo utilizar a escrita como forma de provocar, de tensionar, de tirar do conforto o nosso pensamento. Nesse movimento, a princípio cria-se um desconforto inicial para que em seguida, quando tal questão foi debatida e sanada, possa ser transformada em algo que gere conforto.

É seguindo estas pegadas que compreendemos a importância de deliberarmos o que queremos que seja pesquisado, escrito e publicado. Uma escrita que tem pretensões de trazer à tona a existência de um território das memórias, tradições, ancestralidade e identidade que fundamenta a nossa resistência a partir dos olhares de dentro. Escrevo, o que o meu povo nos disse dos mais diversos jeitos, pelo linguajar falado, pela escrita dita aos pesquisadores, pelos cantos, pelas estórias, pelos poemas, pelos fazeres, pelos sonhos e pela perspectiva de futuro (Silva, 2020, p. 37).

Portanto, diferentemente da Antropologia Clássica, a antropóloga rompe com a visão etnocêntrica e colonialista, trazendo à tona o poder da diversidade como um dos seus recursos etnográficos. Para Ana Mumbuca, a escrita tem a capacidade de manter ativas e de defender as perspectivas dos povos tradicionais, pois a diversidade é algo incontrolável. Sendo assim, para ela uma escrita colaborativa é possível, além de ser um meio desses povos transformarem as “armas” dos seus inimigos em só as armas, e com isso continuar resistindo e conseguindo contar suas próprias histórias em suas próprias

categorias e narrativas.

### **Considerações finais**

Desse modo, após observarmos os diferentes percursos metodológicos de cada antropólogo, podemos notar que durante o processo de experimentação do campo diversas ferramentas metodológicas podem ser acionadas. A etnografia não limita-se apenas a ser uma ferramenta, mas também a capacidade de compreensão e de adaptação de cada antropólogo ao campo, levando em conta que por mais que o pesquisador possa conhecer o campo teoricamente, as relações sociais causadas pelo encontro das diferentes visões e com isso existindo uma troca de saberes entre todos os envolvidos na construção dos relatos etnográficos.

Cada um deles trouxeram elementos únicos que atravessaram suas vidas e influenciaram na suas etnografias. Enquanto a Dora Hurston imprime em sua etnografia a experiência de estudar o seu próprio povo, ao invés de estudar o “outro”, também acaba por romper com o preconceito existente na sociedade em relação ao folclore negro e a inovação de realizar vídeos etnográficos e fazer desenhos das suas experiências em campo. Por outro lado, o Malinowski nos traz toda a ideia de uma etnografia científica, aproximando-se do que conhecemos por etnografia atualmente. Além disso, o autor é um dos pioneiros na observação participante e na imersão total no campo, sendo para ele uma ferramenta etnográfica fundamental para conhecer o outro. É por fim, a Ana Mumbuca demonstra em sua obra a perspectiva contra-colonialista, localizando e ressaltado o poder da diversidade na construção da etnografia; a capacidade dos povos tradicionais de construir e dar voz a suas próprias categorias e narrativas.

Portanto, é imprescindível que o antropólogo não vá ao campo com uma visão fechada, achando que todos os eventos que ocorrerão serão totalmente previsíveis. Durante as experiências etnográficas, por mais munidos teoricamente e metodologicamente preparados, é apenas ao lidar com o campo que esses podem sentir e compreender quais são os melhores mecanismos e como aquele campo vai afetá-lo e afetar quem será estudado. E é por isso, que compreender os percursos de cada um

também é fundamental pois esse demonstra toda bagagem dessa pessoa pesquisadora, fazendo com que cada experiência etnográfica seja única.

## **Bibliografia**

CORRÊA, Ester. Itinerários de mulheres negras na antropologia - pensando viagens com Zora Hurston e Lélia Gonzalez. *Ayé - Revista de Antropologia*. v.3, n.1, 2021.

HURSTON, Zora Neale [1938] 2008. *Tell my Horse: Voodoo and life in Haiti and Jamaica*. New York: Harper Collins E-books.

HURSTON, Zora Neale Hurston. Como eu me sinto uma pessoa de cor. *Ayé: Revista de Antropologia*. Fire!!! Textos escolhidos de Zora Neale Hurston (Edição Especial), 2021.

HURSTON, Zora Neale Hurston. O que os editores brancos não publicarão. Tradução de Messias Basques. *Ayé: Revista de Antropologia*, v.1, n.1, 2019.

MALINOWSKI, Bronisław. *Os Argonautas do Pacífico ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SILVA. Ana Cláudia Matos. *UMA ESCRITA CONTRA-COLONIALISTA DO QUILOMBO MUMBUCA JALAPÃO-TO*. Dissertação. 2020.